

Imigração e Capacitismo: A Potência dos Álbuns de Família para Contar Trajetórias

Marina Dias de Faria

Resumo

Este ensaio explora o uso de álbuns de família em investigações sobre imigração e capacitismo, com base em um estudo realizado com mulheres imigrantes em Portugal, mães de filhos e filhas com deficiência. O objetivo principal foi destacar o potencial analítico e afetivo das imagens na construção e revelação das narrativas de imigração atravessadas pela experiência da deficiência e pelas dinâmicas de exclusão e pertencimento. Para discutir o uso das fotos do álbum de família utilizei um exercício de campo mais amplo que envolveu entrevistas narrativas com apoio de fotografias, previamente selecionadas pelas participantes para retratar sua trajetória migratória. Sugeri que a coletânea fosse intitulada "Eu Imigrante". O uso do álbum mostrou-se valioso por dois motivos principais: primeiro, ajudou as participantes a resgatar memórias que não surgiram espontaneamente na entrevista; segundo, permitiu que identificassem experiências de capacitismo evidenciadas nas imagens. Em várias fotos, notou-se a ausência dos/das filhos/filhas com deficiência em eventos ou locais nos quais, segundo as mães, sua presença era considerada “inadequada”. As imagens também destacaram a centralidade dessas crianças e adolescentes na vida das mulheres, revelando aspectos afetivos e de cuidado muitas vezes invisíveis em abordagens tradicionais. Assim, o álbum de família demonstrou ser uma ferramenta potente na compreensão das experiências de imigração atravessadas pela deficiência e pela exclusão social.

Palavras-chave: Álbum; Capacitismo; Maternidade; Imigração; Metodologia

1. Introdução

A utilização de fotografias em pesquisas qualitativas tem se consolidado como uma estratégia metodológica potente para acessar dimensões subjetivas da experiência humana, especialmente quando combinada a abordagens narrativas e de história de vida. Entre os recursos visuais, destaca-se a técnica do "álbum de família", proposta por Jovchelovitch e Bauer (2002), que, por meio da seleção e comentário de imagens pessoais, favorece a rememoração e possibilita o acesso a camadas mais profundas de sentido, afetos e pertencimento.

Neste artigo, apresento um recorte de uma pesquisa mais ampla com mulheres imigrantes, mães de pessoas com deficiência, realizada em Portugal. A partir da técnica do álbum de família – aqui nomeado como “Eu Imigrante” – exploro como essas mulheres mobilizam imagens, memórias e silêncios para narrar suas trajetórias. O objetivo principal foi destacar o potencial analítico e afetivo das imagens na construção e revelação das narrativas de imigração atravessadas pela experiência da deficiência e pelas dinâmicas de exclusão e pertencimento.

A proposta metodológica busca articular escuta sensível, análise crítica e um compromisso ético com a singularidade das experiências migrantes e com os atravessamentos de gênero e cuidado que estruturaram suas vidas. Mais do que ilustrar histórias, as imagens analisadas funcionaram como portais de sentido, tensionando o visível e o invisível, o dito e o não dito, o íntimo e o social.

2. Estado da arte: A utilização de fotos em investigações

A técnica do “álbum de família” consiste em uma entrevista narrativa mediada por fotografias, com o objetivo de estimular os(as) participantes a contarem histórias sobre eventos significativos de suas vidas e do contexto social que os envolve (Jovchelovitch & Bauer, 2002; Rios, Costa & Mendes, 2016). Esse recurso favorece a rememoração e a elaboração de narrativas mais ricas e contextualizadas.

Pesquisas anteriores evidenciam o potencial dessa técnica. Silva e Santos (2009), por exemplo, utilizaram álbuns de família em um estudo com mães de pessoas com deficiência intelectual e observaram que o uso das imagens contribuiu para a fluidez e profundidade das histórias contadas. Para Vieira e Tibola (2005), as fotografias, além de

evocar memórias, também provocam reflexões nos(as) próprios(as) entrevistados(as) sobre o que estão relatando.

Silva e Santos (2009) ainda destacam que, ao solicitar aos(as) entrevistados(as) a escolha de retratos de família, geralmente se obtém recortes dos momentos mais marcantes da trajetória familiar. Contudo, também é importante observar o que não é mostrado: fotos ocultadas, ampliadas, separadas ou descartadas podem revelar tanto quanto as imagens exibidas. Nessa linha, Loizos (2002) reforça a importância de o(a) pesquisador(a) atentar-se aos conteúdos ausentes nas fotografias selecionadas, pois esses vazios também carregam significados relevantes para a análise.

Nas últimas décadas, pesquisadores/as que investigam temas ligados à memória, identidade, migração e cuidado têm ampliado o uso de materiais visuais como forma de construir escutas mais sensíveis e situadas (Rose, 2016; Harper, 2002). No campo dos Estudos Feministas e das metodologias de pesquisa participativas, as imagens deixam de ser apenas documentos e passam a ser tratadas como dispositivos relacionais — capazes de mobilizar emoções, tensionar silêncios e revelar estruturas de poder que atravessam o cotidiano das pessoas investigadas (Lykke, 2010; Pink, 2007).

O uso do álbum fotográfico, nesse sentido, adquire uma dupla função: é ao mesmo tempo memória e método. Não se trata apenas de ilustrar um relato verbal, mas de convocar outras formas de presença e de linguagem, reconhecendo que o que se escolhe mostrar — e o que se omite — também compõe o que é narrado. Como destaca Loizos (2002), as ausências nas fotografias são tão reveladoras quanto as presenças. Em contextos de famílias de pessoas com deficiência, marcadas pela invisibilização social, utilizar as fotos e interpretar as ausências pode ser ainda mais relevante (Alveirinho & Santos, 2018).

3. Metodologia: o álbum “Eu imigrante”

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla realizada com 18 mulheres imigrantes em Portugal, todas mães de pessoas com deficiência. O principal método utilizado na investigação foi a entrevista com foco na história de vida, o que possibilitou o acesso aprofundado às trajetórias e experiências das participantes. A pesquisa completa envolveu múltiplas estratégias de coleta e análise de dados, incluindo

entrevistas, uso de fotografias, cartas e observações. No entanto, nesta comunicação, opto por apresentar um recorte específico da investigação: a utilização da técnica do álbum de família como ferramenta metodológica. Este recorte tem como objetivo destacar o potencial analítico e afetivo das imagens na construção e revelação das narrativas de imigração atravessadas pela experiência da deficiência e pelas dinâmicas de exclusão e pertencimento.

A principal estratégia metodológica da investigação mais ampla foi a entrevista com foco na história de vida, em linha com os aportes dos Estudos Feministas e com a proposta de uma escrita reflexiva (Lykke, 2010). Essa abordagem permite romper com modelos positivistas de investigação, ao valorizar a subjetividade, a memória e o contexto das participantes. Busquei construir, com cada mulher, um espaço de escuta sensível e respeitoso, no qual elas pudessem narrar suas experiências de maneira livre e situada. Neste processo as fotos surgem como fundamentais para criar proximidade entre elas e eu.

Ainda que estivesse convicta de que as fotos eram muito importantes para o avanço da investigação, não condicionei a participação à vontade/possibilidade de se mostrar as imagens. Em respeito ao protagonismo das participantes e à diversidade de suas trajetórias, essa estratégia não foi aplicada de forma padronizada. As fotos só foram utilizadas quando, ao serem confrontadas com a possibilidade de montar e apresentar seus álbuns, as mulheres expressaram vontade e consideraram que esses materiais faziam sentido para contar suas histórias.

Antes da realização das entrevistas, convidei as participantes a selecionar fotografias que retratassem seu processo de imigração. Como sugestão, propus que nomeassem a coletânea como “Eu Imigrante”. Antecipei como possível limitação o fato de muitas mulheres não possuírem fotos impressas, o que se confirmou ao longo da pesquisa: diversas participantes relataram ter deixado seus álbuns físicos em seus países de origem. No entanto, essa limitação não impediu a aplicação da técnica, uma vez que as participantes que aceitaram compartilhar imagens compuseram seus “álbuns” com fotografias digitais, o que se mostrou igualmente eficaz para os objetivos propostos.

Algumas participantes trouxeram abordagens bastante singulares para a construção de seus álbuns. Uma delas reuniu recortes de jornais portugueses que noticiavam a

presença de seu filho em diferentes atividades locais — eram oito matérias publicadas ao longo de apenas um ano. Outra mulher trouxe fotografias acompanhadas de textos de sua autoria, originalmente postados em sua conta no Instagram. A articulação entre imagem e narrativa escrita revelou-se particularmente rica nesse caso.

A partir desse encontro inicial com o material publicado em redes sociais e após apresentar os primeiros resultados em um colóquio (Faria, 2025), considerei a possibilidade de investigar mais profundamente os conteúdos digitais compartilhados pelas participantes. Perguntei, então, se poderia segui-las no Facebook e/ou Instagram, com o intuito de comparar as imagens selecionadas para a pesquisa com aquelas publicadas espontaneamente. No entanto, essa estratégia mostrou-se inviável: embora muitas possuíssem perfis ativos nas redes sociais, relataram não publicar conteúdos com frequência. Como disse Pilar, uma das entrevistadas: “Não posto nada. Até porque a minha vida não é nada interessante.” Assim, embora parecesse promissora, essa linha de investigação foi descontinuada.

Durante o processo de análise mantive um olhar atento não apenas para os conteúdos explícitos, mas também para as ausências. As fotografias foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo, tal como proposta por Krippendorff (2004), que reconhece a aplicabilidade dessa abordagem também para materiais visuais. Identifiquei elementos recorrentes nas imagens e articulei esses dados com os relatos das entrevistas. Importa ressaltar que, conforme compromisso ético firmado com as participantes, as fotografias não são reproduzidas neste relatório, a fim de preservar suas identidades.

4. Imagens da Imigração: Sentidos, Silêncios e Centralidades nos Álbuns de Família

A análise dos álbuns de família criados por mulheres imigrantes, mães de pessoas com deficiência, possibilitou a identificação de quatro grandes categorias temáticas que atravessam os registros e as falas das participantes: Pessoas, Lugares, Ausências e Contar por outros meios. A seguir, organizo os achados a partir dessas dimensões analíticas.

Pessoas: os presentes nas fotos

A categoria "Pessoas" destaca a centralidade de determinados sujeitos nos álbuns e relatos, sobretudo os/as filhos/as com deficiência, que aparecem quase todas as imagens compartilhadas ocupando posição de centralidade nas imagens. A proposta metodológica de construção de álbuns de família com mulheres imigrantes, mães de pessoas com deficiência, revelou aspectos singulares sobre suas trajetórias, afetos e redes. Em muitos casos, a composição do álbum evidencia a maternidade como eixo central da experiência migratória. Aline, por exemplo, ao ser convidada a construir seu álbum de imigração, escolheu mostrar apenas fotos do filho Rafael em reportagens de jornais locais. Disse guardar todos os recortes e enviá-los à família no Brasil:

"Com certeza que mandei para todos do Brasil." (Aline)

Essa escolha reforça o que aponta a literatura sobre a centralidade dos filhos nas trajetórias migratórias de mães de PcD (Faria, 2021; Pinto, 2011). Também revela o esforço para contrariar a imagem hegemônica da pessoa com deficiência como incapaz (Campbell, 2001; Leitão, 2015).

Clara também escolheu o filho como foco principal de seu álbum. As fotos escolhidas foram todas tiradas nas competições esportivas que os dois participaram juntos. Ficou claro, na entrevista, que ela só consegue seguir com sua carreira de atleta porque leva o filho para todas as competições e para os treinos e registrar esses momentos em fotos para ela é muito importante.

Gabriela selecionou dez fotos que mostravam apenas ela e seu filho Joaquim. Ao se dar conta disso, comentou:

"Parece que sou mesmo só eu e ele, mas juro que tenho marido. Ele tem pai."

(Gabriela)

Lia, por sua vez, escolheu majoritariamente imagens com o companheiro, Rui. A relação afetiva com ele foi retratada como eixo de sustentação em Portugal:

"Essa foto é muito importante para mim, é o dia em que eu conheci o Rui. E não é exagero, tudo mudou para mim aqui em Portugal." (Foto_Lia)

Outras figuras importantes apareceram em registros de despedidas, como no caso de Pilar, em chamadas de vídeo com parentes (Marina) ou em imagens que evocam

conexões com redes afetivas formadas em Portugal, como a família do companheiro, caso de Lia, que disse sentir-se em casa com a família do Rui.

Lugares: pertencimento e segurança

Os lugares retratados nos álbuns também revelam sentimentos de acolhimento em sítios específicos. A escola apareceu com frequência como espaço de pertencimento e segurança para os/as filhos/as com deficiência e, por consequência, para as mães.

Serena, por exemplo, selecionou apenas imagens de Tadeu no ambiente escolar:

“Olha ele feliz nas fotos. Estou muito bem com ele aqui. Ele está muito bem na escola. As pessoas gostam muito dele.” (Serena)

O mesmo ocorreu com outras mães, que, mesmo vivendo dificuldades, reconheciam a escola como um espaço de integração e acolhimento. Também surgiram imagens tiradas em casas de família, cafés, locais de trabalho e durante competições.

Carolina, no entanto, optou por mostrar apenas fotos tiradas em Cabo Verde, seu país de origem. Relatou forte descontentamento com a vida em Portugal:

“Sempre me sinto de fora. Não sou mesmo daqui.” (Carolina)

Essas escolhas revelam que o lugar da memória e da felicidade nem sempre está associado ao país de acolhimento.

Ausências: nada para fotografar

A ausência de imagens também foi um elemento analítico central. Sara declarou que não possuía absolutamente nenhuma foto desde que chegou a Portugal porque não teve motivos para querer fotografar. Carolina, por sua vez, recusou-se a selecionar imagens que representassem a vida em Portugal, afirmando que não viveu nenhum momento feliz no país.

Essas omissões revelam uma camada densa de dor, deslocamento e silenciamento. A ausência, aqui, é também uma forma de narrativa, que indica os limites da experiência migratória e da possibilidade de representação.

O gesto de não mostrar ou não ter fotos precisa ser compreendido não como falha, mas como dado potente: o silêncio e a lacuna também dizem. Essa dimensão exige uma escuta qualificada, atenta às formas indiretas de expressão emocional e política.

Contar por outros meios: jornal e Instagram

Algumas participantes mobilizaram meios alternativos para construir seus álbuns. Cecília, por exemplo, escolheu imagens já publicadas no Instagram, acompanhadas de textos reflexivos que escreveu ao longo do processo migratório. Em uma das fotos, ela aparece diante do espelho. O texto que acompanha a imagem expressa sua busca por identidade e pertencimento:

“Até mudar-me de país e despir-me do muito (ou tudo) o que me definia, precisei buscar-me. [...] Nessa aventura de vida nova, fui convidada, de forma completamente inesperada, a também desapegar de mim mesma [...]”

Aline, por outro lado, utilizou jornais locais como fonte de imagens. As fotos do filho Rafael em matérias escolares se tornaram símbolo de orgulho, pertencimento e resistência. As mídias – impressa e digital – funcionam, nesses casos, como plataformas de memória, pertencimento e afirmação.

Essas formas não convencionais de montar o álbum reforçam que a construção da memória e da narrativa migratória pode se dar por diversos meios. Ao mesmo tempo, mostram como essas mulheres se apropriam dos dispositivos disponíveis para contar suas histórias e legitimar suas experiências.

5. Considerações finais

A análise dos álbuns de família construídos pelas participantes, a partir das categorias Pessoas, Lugares, Ausências e Contar por outros meios, revela que a proposta metodológica não apenas acessou memórias e registros visuais, mas também mobilizou narrativas densas de afeto, sofrimento e falta de pertencimento. O dispositivo do álbum, ainda que mediado por entrevistas e por limitações práticas (como o acesso restrito a fotos impressas, antecipado na etapa metodológica), mostrou-se fértil para acessar a

complexidade da experiência migratória vivida por mulheres cuidadoras de filhos/as com deficiência.

Em muitos casos, as imagens compartilhadas reforçaram o papel central dos/as filhos/as na vida dessas mulheres. A recorrência de fotografias em que apenas mães e filhos/as aparecem – ou, em alguns casos, a total ausência de imagens – é um indicador potente da sobrecarga, da solidão e da invisibilidade que marcam essas trajetórias. A presença constante dos/as filhos/as nos registros aponta para uma vida estruturada em torno do cuidado, reforçando o que mostram estudos sobre gênero e deficiência (Faria, 2021; Koca, Basgul & Yay, 2020; Pinto, 2011). Ainda assim, esse cuidado, frequentemente solitário, não é apenas peso: ele também se manifesta como expressão de amor, orgulho e resistência.

As imagens também revelam a importância simbólica de certos lugares, como a escola, que aparece recorrentemente como espaço de acolhimento, inclusão e realização para os filhos – e, por extensão, para as mães. Por outro lado, a recusa em mostrar fotos de Portugal por parte de algumas participantes denuncia o sentimento de exclusão, a dificuldade de enraizamento e o mal-estar com o país de destino. A migração, nesse sentido, não é vivida apenas como oportunidade, mas também como perda e desencaixe.

A categoria das ausências é uma das mais significativas metodologicamente, pois desafia a lógica visual do próprio álbum. Não ter imagens para compartilhar, ou não querer compartilhar, é também uma forma de contar. O silêncio e o vazio não são neutros – eles falam. Falam da dor, do apagamento, do cansaço. E exigem do/a pesquisador/a escuta ética e atenta. A ausência também é uma linguagem.

As escolhas de o uso de jornais, redes sociais ou chamadas de vídeo, mostram a potência de múltiplas mídias na produção de memória e identidade. Revelam ainda como essas mulheres se apropriam de suportes contemporâneos para afirmar sua existência, se conectar com redes afetivas e construir pertencimento – mesmo diante do exílio.

Portanto, o álbum de família, neste contexto, deixa de ser um repositório de lembranças estáticas e passa a operar como um espaço de negociação entre o passado e o presente, entre o aqui e o lá, entre a dor e a esperança. A técnica metodológica

revelou-se particularmente sensível e adequada para captar as subjetividades migrantes e os atravessamentos de gênero, deficiência e maternidade.

Por fim, esta análise reforça a urgência de reconhecer os impactos que o papel de cuidadoras exerce sobre a vida das mulheres imigrantes. Mais do que constatar a sobrecarga, é necessário que essa realidade seja considerada como central no desenho de políticas públicas específicas, tanto no campo da migração quanto da deficiência e do cuidado. Reconhecer essas mulheres como sujeitas de direitos – e não apenas como mães ou cuidadoras – é um passo fundamental para políticas mais justas e inclusivas.

Referências bibliográficas

- Alveirinho, R., & Santos, M. J. S. (2018). *O uso de fotografias na exploração das percepções de qualidade de vida familiar de pais de pessoas com deficiência intelectual: Resultados preliminares*. Convergências – Revista de Investigação e Ensino das Artes, 11(21), 50–64. <https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/6367>
- Campbell, F. K. (2001). Inciting legal fictions: "Disability's" date with ontology and the ableist body of the law. *Griffith Law Review*, 10(1), 42–62.
- Faria, I. C. (2021). Mulheres migrantes e deficiência: interseccionalidades na construção do cuidado. In R. C. Mendes & S. M. Silva (Orgs.), *Gênero, cuidado e políticas públicas* (pp. 145–164). Editora Fiocruz.
- Faria, I. C. (2025). Álbuns migrantes: registros visuais e narrativas de mulheres imigrantes, mães de pessoas com deficiência. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional Gênero e Interseccionalidades em Perspectiva Comparada. Universidade do Porto.
- Harper, D. (2002). Talking about pictures: A case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17(1), 13–26. <https://doi.org/10.1080/14725860220137345>
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 90–113). Petrópolis: Vozes.
- Koca, C., Basgul, S. S., & Yay, A. (2020). Mothering children with disabilities: Intersectionality of gender, class and disability in Turkey. *Journal of Gender Studies*, 29(5), 584–596. <https://doi.org/10.1080/09589236.2019.1654374>
- Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: An introduction to its methodology* (2^a ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Leitão, E. (2015). *Deficiência e cidadania: O corpo em questão*. São Paulo: Cortez.
- Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes.
- Lykke, N. (2010). *A guide to intersectional theory, methodology and writing*. Routledge.
- Pink, S. (2007). *Doing visual ethnography* (2^a ed.). London: SAGE Publications.
- Pinto, C. R. J. (2011). Gênero e deficiência: A invisibilidade das mulheres com deficiência nas políticas públicas brasileiras. *Cadernos Pagu*, (37), 381–416. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200013>
- Rios, S., Costa, G. & Mendes, V. (2016). A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. *Discursos Fotográficos*, 12(20), 98-120.

Rose, G. (2016). *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials* (4th ed.). SAGE Publications.

Silva, G.; Santos, M. (2009). Álbum de família e esquizofrenia: Convivência em retrato. *Psicologia em Estudo*, 14(1).

Vieira, S., & Tibola, T. C. (2005). Imagens e memórias: As fotografias como instrumentos na pesquisa qualitativa. *Revista Brasileira de Educação*, (28), 244–255.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200006>